



ENTRE-LINHAS INVISÍVEIS: A REDE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE SERGIPE

Luiz Ricardo Oliveira Santos

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
professor.bioricardo@gmail.com

Jailton de Jesus Costa

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
jailton@academico.ufs.br

Rosemeri Melo e Souza

Universidade Federal de Sergipe
rome@academico.ufs.br

GT 1: Instrumentação e vivências em Educação Ambiental

RESUMO

A rede de Educação Ambiental de Sergipe é um coletivo de educadores e educadoras ambientais, formado em 1996, mas que passou por um processo de descontinuidade por muitos anos, sendo reestruturada no ano de 2021 por pessoas que possuem algum grau de afetividade em suas relações de vínculo, sendo os afetos a força invisível que permeia a estrutura da rede. Este estudo tem por objetivo discutir as relações que permeiam a reunião de educadores ambientais na estrutura em rede. Para tanto, alicerçados numa abordagem pós-moderna, dialogamos com estudos científicos, literatura e cinema, a fim de adentrar nos horizontes da subjetividade que consubstancia o envolvimento daqueles educadores ao compor a rede objeto/coisa deste estudo. Por fim, salienta-se que o grau de vinculação entre os elos das redes são as forças que possibilitam flutuações na coesão da malha e potencializa a formação de novas conexões.

Palavras-chave: Afetos; Coletividade; Redes.

É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.
(SAINT-EXUPÉRY, 2015)

Na caixinha, um novo amigo vai bater um samba antigo para você lembrar.
(*Com açúcar e com afeto*, Chico Buarque)

(D)ENTRE PARÊNTESES

Nossa breve conversa poderia ter um (re)início contado a partir da emergência sanitária a que fomos expostos no começo do ano de 2020, quando fomos surpreendidos com situações que não imaginaríamos (excetuando as projeções realizadas pelas ciências acerca dos desequilíbrios socioambientais e suas implicações) que iríamos vivenciar, (sobre)viver ou termos qualquer informação sobre uma demarcação temporal para seu final. Mencionamos (re)início – com prefixo entre parênteses – pois é nessa temporalidade, permitida pelos encontros e desencontros com as tecnologias diversas, que pudemos observar o (re)nascimento de uma potência de agir, de fazer e de mudar de educadores e educadoras ambientais sergipanos marcada pela coletividade: a Rede de Educação Ambiental de Sergipe (REASE)¹.

Uma rede de Educação Ambiental nada mais é (ou pouco mais é) do que um coletivo de pessoas, seres e coisas que possuem o interesse comum de possibilitar ações de Educação Ambiental nos limites de um determinado território, área ou atuar com uma temática específica em diferentes grupos e espaços. A partir de um modelo de gestão horizontalizada, não-centralizada ou hierarquicamente demarcada, as redes apregoam uma forma de tomada de decisão coletiva, pautada na dialogicidade, na autonomia e no compartilhamento de ideias (embora nem sempre isso aconteça), conforme salienta Vivianne Amaral (2008). Assim, para nos depararmos com uma estrutura de rede em toda a sua essência é necessário que possamos romper com uma cultura de dominação que existe nas estruturas sociais existentes, mas que ainda é um desafio.

Essa estrutura horizontalizada, contudo, solicita, além do que é comum a qualquer organização – infraestrutura, recursos, comunicação, planejamento e liderança – que seus membros possuam sinergia para dar continuidade aos direcionamentos dos

¹ Apesar de mencionar a sigla pela qual conhecemos, no dia a dia, a rede, não utilizaremos, ao longo do texto, quaisquer tipos de siglas, optando por escrever por extenso as palavras que se repetem, pois entendemos que, assim, o texto se torna mais acessível e possível de ser lido por qualquer público que utilize outras formas de leitura que não a habitual.

seus projetos e que esses sejam visualizados de maneira contínua e efetiva com as comunidades que são envolvidas, sob o risco de haver um desencontro de desejos, potências e afetos. A Rede de Educação Ambiental de Sergipe, por exemplo, dados vários outros motivos e, principalmente, o desencontro de intencionalidades, passou um longo período de descontinuidade de ações, reuniões e fomento de projetos, os quais foram retomados apenas longos anos após a sua opacidade territorial, pela (re)união de novos membros que materializaram o desejo de retornar e recompor a rede.

Frente aos momentos explanados anteriormente, deparamo-nos com o questionamento: quais forças motivam/motivaram a reestruturação da Rede de Educação Ambiental de Sergipe? Como tais forças estão relacionadas ao movimento de reencontro de pesquisadores e educadores ambientais sergipanos numa estrutura de gestão coletiva e colaborativa? Assim, este estudo tem por objetivo discutir as relações que permeiam a reunião de educadores ambientais na estrutura em rede, além de descrever as ações iniciais que demarcam/demarcaram o retorno da Rede de Educação Ambiental de Sergipe ao cenário nacional.

Para atingir o objetivo proposto, permeamos o campo científico e das artes por meio de nossas vivências e recordações acerca da rede que centraliza este estudo, discutindo suas passagens com recortes de publicações científicas em artigos e dissertações. Performamos uma escrita de abordagem pós-moderna, permitindo-nos, por vezes, utilizar elementos científicos em conjunto com a literatura e com o cinema, de modo que as nossas vivências se entrelacem com o conjunto formado por procedimentos e métodos da ciência numa tentativa de manipularmos altas doses de subjetividade. Com isso, ensaiamos um modelo de escrita por montagem, onde os subtópicos a serem apresentados não necessariamente tenham ligação uns com os outros, ainda que se encaixem num tronco comum, que é o objeto/coisa central deste nosso estudo.

Consoante a Elisandro Rodrigues e Betina Schuler (2019), escrever por montagem é uma bela inquietação do pensamento no que toca a escrita textual, que induz – sobretudo – a um novo estilo de saber e a novos procedimentos de lidar com o que entendemos sobre realidade. Assim, os tópicos que seguem, apesar de tratarem sobre a Rede de Educação Ambiental de Sergipe, falam cada qual sobre si próprios à medida em que também falam do tema central, podendo trazer narrativas distintas, mas que – ao final – permitem que se tenha o entendimento de um todo.

FIEIRAS AOS ARES: AS FORÇAS INVISÍVEIS DOS AFETOS

A Rede de Educação Ambiental de Sergipe foi agrupada, pela primeira vez, em 1996, durante o Encontro de Professores Sensibilizados em Educação Ambiental de Sergipe, no qual técnicos do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) articularam a criação da rede, a qual consolidou-se mais fortemente com a presença da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que fomentou – tanto com recursos humanos quanto com recursos financeiros – a maioria das ações da rede nesse primeiro marco existencial.

Quatro anos antes, no Rio de Janeiro, durante o evento que ficou conhecido como Eco-92, mais especificamente na Cúpula dos Povos, foi criada a Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA), motivando e articulando, assim, a reunião de coletivos educadores em todo o território brasileiro: as redes de Educação Ambiental, as quais são espalhadas pelas cinco regiões do Brasil e possuem representantes em quase todos os estados do território nacional, cujos representantes tecem fios que, ao mesmo tempo, acrescem a malha da rede ao compor os nós.

Explica a Biologia que algumas espécies de aranhas, ao eclodirem das oosferas e/ou quando precisam deslocar-se por grandes distâncias, emitem um fio de seda e, com a força do vento, são levadas em direção ao inesperado em suspensão (VALENTIM, 2019). A produção do fio é realizada pelas fiadeiras (ou fiandeiras) e a seda, assim que entra em contato com o ar, polimeriza e se torna aquilo que conhecemos como teia. Mas, qual analogia queremos atribuir ao versar sobre a biologia das aranhas?

A suspensão do animal é permitida pela força do fio que ela tece ao entrar em contato com o ar, ambos invisíveis aos nossos olhos. Somente olhos bem treinados conseguem observar, por um triz, a tênue linha que suspende o corpo, mas que seríamos incapazes de dissertar sobre qualquer negativa da força que realiza este movimento. Linhas invisíveis: tal qual a teia que suspende a aranha como um balão, a subjetividade humana, para além dos limites biofísicos, pode ser visualizada como uma força invisível que nos impulsiona à uma potência maior de agir? São tais forças que nos orientam a compor um grupamento social com o qual nos relacionamos em diferentes momentos de nossa existência?

Ainda numa correlação com a Biologia, Elizabeth Gilbert (2016), em seu romance – mais tarde adaptado para o cinema – intitulado Comer, Rezar e Amar, ainda

que não seja a trama principal da obra, comenta sobre uma filosofia zen-budista que acredita que forças invisíveis também potencializam forças de ação vitais. Como numa pinha de carvalho que cria sua própria semente da qual ele nasce, a própria força de ação de sua existência faz a pinha nascer e utiliza esse desejo de viver que faz com que a semente germine da inexistência à maturidade.

Para olhares (neo)positivistas e modernos do ponto de vista científico, é claro que um vegetal não poderia desejar o seu próprio nascimento e, por assim fazer, criar-se. No entanto, para a filosofia zen-budista, essa força que a árvore de carvalho demonstra ter e que possibilita, ao mesmo tempo, o seu crescimento está relacionada a forças invisíveis que, somadas àquelas em que conhecemos bioticamente, permitem o crescimento do vegetal. Realizando, ainda, uma analogia com as metodologias pós-críticas de pesquisa, o processo criativo entre teoria e prática é retroalimentativo, sendo impossível uma existir sem a outra, ao passo em que ambas são construídas ao passo em que a outra se desenvolve.

Assim como Antônio Rabelo (2012, p. 11), em sua pesquisa baseada na filosofia de Gil, nossa intencionalidade, aqui, é a de “afirmar a concretude e materialidade destas forças invisíveis, na virtualidade sensível que nos atravessa”. Retornando à nossa pergunta inicial, poderíamos relacionar que as forças que impulsionam a aglutinação desses educadores ambientais são baseadas na proximidade, seja ela entre seus corpos, objetivos ou de pautas comuns.

Portanto, podemos conjecturar que o aglomerado de educadores ambientais nas redes distingue-se quanto ao objetivo: podem ser proximais de contato entre velhos ou novos conhecidos, que objetivam divulgar e promover ações em Educação Ambiental, mas que possuem a pauta comum da sustentabilidade ambiental por meio de ações educativas.

Do ponto de vista das relações proximais, entre os corpos, porém sem excetuar aquelas outras, poderíamos afirmar que a relação entre dois corpos é baseada no afeto, costumeiramente as chamamos de relações afetivas. Na filosofia de Spinoza (2021, p. 98), os afetos são “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Logo, os afetos são entendidos como ações que são potencializadas por um corpo em sua vontade de agir, sendo o contrário dessa ação compreendidos como paixão.

O agrupamento social que visualizamos enquanto rede de Educação Ambiental são coletivos de pessoas que se reúnem baseados em pontos comuns, como já

salientamos, sendo as relações de vínculo e proximidade uma das principais que permeiam o desejo de compor determinada rede. Conforme salienta Vivianne Amaral (2008), em estudo acerca da Rede Brasileira de Educação Ambiental, a maioria dos participantes se conhecia pessoalmente e possuíam vínculos que se estendiam desde os espaços acadêmicos a eventos da área ambiental, o que não se faz diferente na antiga e nova composição da Rede de Educação Ambiental de Sergipe, uma vez que o âmbito formal da Educação Ambiental ainda reúne muitos educadores e faz com que esse seja um dos maiores pilares de atuação do campo.

Essa relação de vínculo existente entre membros que já possuem alguma relação é ampliada à medida em que outros membros adentram ao coletivo e passam a ter algum grau de proximidade, amparado pelas pautas e afetos em comum e, também, pela própria estrutura de rede.

Como apontado por Samira Costa e Carlos Silva,

Os afetos que mobilizam um grupo se definem pelas forças de coesão e difusão, que aglutinam tensionam e reorganizam coletivos. A partir de situações, fenômenos e eventos que produzem diferentes sentidos de integração entre seus membros, uma comunidade produz ora mais ora menos afetos aglutinadores, apoiados tanto em sentimentos de pertença e cumplicidade, construindo experiências de solidariedade, quanto em sentimentos de divergência, tensionando e buscando, de forma mais ou menos bélica, campos possíveis de negociação (COSTA; CASTRO E SILVA, 2015, p. 287).

Nos agrupamentos sociais, nos quais podemos caracterizar as redes, observa-se que é possível que exista uma oscilação/flutuação de afetos que mobilizam em maior ou menor grau alguns de seus membros. Potencializados pela estrutura horizontalizada (numa gestão ideal), alguns elos realçam as características e projetos que embalam as ações capitaneadas pela rede, servindo de motivação para outros que se encontrem às margens da estrutura organizacional. Também é bastante provável que vínculos frágeis que também compõem a estrutura se desfaçam ou se fortaleçam com a fluidez da organização, movimento de força que é produzido e permitido pelos próprios elos da rede.

Para Antônio Rabelo (2012, p. 11), “qualquer corpo humano pode receber e incorporar tais forças enviadas por outros corpos; e ainda, ao mesmo tempo em que recebe é capaz de reenviar estas forças.” Sejam elas de motivação ou de afastamento, as forças que tensionam os elos de uma rede podem ser propagadas de forma a modificar a conformação da estrutura, fazendo com que possam ser observadas flutuações nos

padrões de ação do coletivo. Destarte, quanto maior a relação de vínculo afetivo, para além das pautas em comum, maior a coesão entre os elos, possibilitada pelas forças invisíveis dos afetos.

REMOTAS POSSIBILIDADES

Foi em meados de 2021 que estudantes de pós-graduação, docentes do Ensino Básico e Superior e pessoas ligadas a instituições voltadas para o meio ambiente articularam a vontade de reestruturar a Rede de Educação Ambiental de Sergipe. Como mencionamos, devido à situação emergencial da pandemia de COVID-19, todo o contato entre os membros se deu por meio de tecnologias digitais, que possibilitaram os encontros virtuais e o estreitamento de relações entre os participantes.

No tópico anterior, mencionamos que as forças invisíveis motivam e orientam a nós, enquanto membros de coletivos (como as redes) a nos reagruparmos a fim de objetivarmos um resultado em comum. No caso da Rede de Educação Ambiental de Sergipe, esse objetivo é o de fomentar, organizar e discutir ações de Educação Ambiental nos territórios do estado, além de possibilitar a adesão de novos membros que fortaleçam o cenário nacional do campo.

Como abrange o território do estado, a rede se caracteriza como territorial na malha da Rede Brasileira de Educação Ambiental, a qual é representada – nacionalmente – por elos, os quais têm a função de dialogar, num cenário maior, sobre as ações que a rede desenvolve no âmbito sergipano e de participar das discussões, decisões e informações com o coletivo nacional.

A fim de promover a divulgação das ações da rede e potencializar a inscrição de novos membros, em julho de 2021 foi realizado o Seminário da Rede de Educação Ambiental de Sergipe (Figura 1). O evento foi pensado pelo coletivo de pessoas que compõem a malha da rede, como forma de potencializar a sinergia entre eles e, também de divulgar o retorno da rede ao território do estado e à malha da Rede Brasileira. Assim, foram dois dias de discussões acerca de ações desenvolvidas pelos membros e interlocuções com as pessoas que participaram do evento, por meio da interação com os apresentadores.

Figura 01 – Cartaz de divulgação virtual do Seminário da Rede Sergipana de Educação Ambiental.



Fonte: Rede de Educação Ambiental de Sergipe, 2021.

O Seminário foi transmitido via YouTube, pelo canal da própria rede, portanto podendo ser assistido por qualquer pessoa que se interessasse pela temática, bem como por membros de outras redes do território nacional. Somado ao evento, acontecem – periodicamente – reuniões com todos os elos que compõem a estrutura da rede, bem como a participação de seus representantes na Facilitação Nacional junto à Rede Brasileira de Educação Ambiental.

Ao passo em que reconhecemos as estruturas das redes como sustentadas por forças invisíveis, como os afetos, que aproximam ou afastam os elos da composição de determinado coletivo, entendemos a importância das relações afetivas na manutenção da estrutura organizacional. É perceptível que os indivíduos se mantêm coesos em grupos cujo pertencimento e vínculo se fazem estruturar os nós que compõem a malha, estabelecem contatos rotineiros e certa frequência de desenvolvimento de ações e projetos. Assim, pode-se afirmar que os coletivos que menos exibem momentos de discontinuidades são aqueles que potencializam seus afetos e conseguem enlaçar os nós por meio de relações subjetivas.

DO FIM AO INÍCIO

Como pudemos observar, a reunião de elos no âmbito das redes de Educação Ambiental se faz, principalmente, pela presença de vínculos que vão além daqueles

formais ou que resumam a pautas comuns de luta e trabalho, mas que também permeiam o campo das relações afetivas, considerados pela proximidade entre um ou mais membros, a qual possibilita (ou não) a observação de flutuações na coesão da malha. Ao compreendermos os afetos como manifestações dos corpos para gerar uma ação – aqui, envolvidas com o desejo de observar uma sociedade mais igualitária e com equidade social para as comunidades.

A reunião de educadores e educadoras ambientais na reestruturação da Rede de Educação Ambiental de Sergipe, a qual retorna com nova roupagem e novos elos, foi pautada, principalmente, por relações de proximidade entre seus membros, os quais – cotidianamente – tecem relações de saberes e costuram novos nós nessa malha, consubstanciando-os nas forças e linhas invisíveis das relações subjetivas. Destarte, a composição de coletivos educadores potencializa novas conexões tanto interiores quanto exteriores, promovendo verdadeiras redes de afeto, que amplificam o significado e a objetivação que traçam primeiramente.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil. Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vivianne. REBEA: processos e desafios de horizontalização. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, n. 3, p. 15-34, 2008.

COSTA, Samira Lima da; CASTRO E SILVA, Carlos Roberto de. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei/MG, v. 10, n. 2, p. 283-291, jul./dez. 2015.

GILBERT, Elizabeth. **Comer, rezar, amar**. São Paulo: Objetiva, 2016.

VALENTIM, Alisson Montanheiro. **A guerra dos sexos: dos conflitos sexuais à evolução do canibalismo sexual pré-copulatório em aranhas**. 2019. 60 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade e Conservação) – Instituto Federal Goiano, Rio Verde/GO.

RABELO, Antônio Flávio Alves. Corpo espelho de forças: invisibilidades, devir e outras ações criativas. **Revista do LUME**, Campinas/SP, n. 1, p. 1-13, set. 2012.

RODRIGUES, Elisandro; SCHULER, Betina. Montagem do pensamento e da escrita acadêmica em Educação: conversações entre Deleuze e Didi-Huberman. **Educação Temática Digital**, Campinas/SP, v. 21, n. 1, p. 23-46 jan./mar. 2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Via Leitura, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.